

PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE

Danielle Gomes de Oliveira¹; Bruna Pereira da Silva²; Davidson Marrony Santos Wanderley³;
Gabriela Rodrigues da Costa⁴; Rosemary Sousa Cunha Lima⁵.

^{1,2,3,4,5} Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, daniagogesoliveira@gmail.com¹; rosysousa1@hotmail.com⁵.

RESUMO

Automedicação é o uso de medicamentos sem nenhuma intervenção por parte de um médico, ou outro profissional habilitado, nem no diagnóstico, nem na prescrição, nem no acompanhamento do tratamento. Essa prática pode provocar danos à saúde bem como mascarar sinais e sintomas de doenças mais graves, principalmente em idosos que pertencem a uma faixa etária mais susceptível ao uso irracional de medicamentos. Esse estudo objetivou avaliar a prevalência de automedicação em idosos participantes da Universidade Aberta à Maturidade de Campina Grande, a fim de fornecer subsídios para possibilitar um planejamento do uso racional de medicamentos, assim como realizar campanha de cunho preventivo e/ou curativo. Os dados foram contabilizados em frequência simples e avaliados em percentuais. Do total (31 pacientes), 35% relataram utilizar apenas medicamentos prescritos e 65% consomem medicamentos sem prescrição. Os fármacos mais consumidos pelos idosos que praticam automedicação são os analgésicos e antipiréticos (43%). Dentre as justificativas apresentadas para a automedicação, dor de cabeça e febre foram as mais frequentes (37%). Esses resultados demonstram que apesar dos idosos entrevistados serem conscientes dos riscos da automedicação, ainda se fazem necessárias medidas preventivas para melhor entendimento e conscientização, promovendo o uso racional de medicamentos.

PALAVRAS CHAVE: automedicação, idosos, saúde.

ABSTRACT

Self-medication is the use of medications without any intervention by a physician or other qualified professional, or in the diagnosis or the prescription or monitoring of treatment. This practice can cause health problems and mask the signs and symptoms of more serious diseases, especially in the elderly who belong to an age group more susceptible to irrational use of medicines. This study aimed to assess the prevalence of self-medication in elderly participants of the Open University to maturity of Campina Grande, in order to provide subsidies to enable planning of rational use of medicines, and perform preventive nature of campaign and / or curative. Data were processed and analyzed using percentages. Of the total (31 patients), 35% reported using prescription drugs only and 65% consume drugs without prescription. The drugs most consumed by the elderly who practice self-medication are the analgesics and antipyretics (43%). Among the justifications for self-medication, headache and fever were the most common (37%). These results demonstrate that despite the older respondents are aware of the risks of self-medication, is still necessary preventive measures to better understanding and awareness promoting the rational use of medicines.

KEYWORDS: self-medication, the elderly, health.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)¹, a automedicação consiste na “seleção e uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas e deve ser entendida como um dos elementos do autocuidado”. Sendo assim, os produtos automedicáveis são aqueles que não exigem receita médica e que são produzidos, distribuídos e vendidos aos consumidores para uso em sua própria iniciativa.

A automedicação de forma consciente pode gerar importantes benefícios como ajudar a prevenir e tratar sintomas e doenças que não requeiram consulta médica, reduzir a crescente pressão sobre os serviços médicos para o alívio de males menores, especialmente quando os recursos financeiros e humanos são limitados, aumentar a disponibilidade de cuidados de saúde para as populações que vivem em áreas rurais ou remotas, onde o acesso a aconselhamento médico pode ser difícil². Entretanto, esta prática pode gerar problemas, apresentando variados pontos negativos como mascarar ou retardar diagnóstico de alguma patologia, provocar efeitos adversos, reações alérgicas, intoxicações e principalmente interações³. Para se extrair benefícios dessa prática, são necessários conhecimentos e habilidades específicas sobre farmacologia, interação e reações medicamentosas⁴.

Em uma pessoa idosa, a automedicação pode ser mais grave, trazendo riscos à saúde em vários aspectos. Para a realização deste ato, os idosos recorrem principalmente à orientação de terceiros (amigos, vizinhos e familiares)⁵. O envelhecimento traz consigo acometimentos simultâneos de órgãos e tecidos, causando uma maior prevalência de doenças crônicas não transmissíveis e degenerativas, além de alterações funcionais, que acarretam modificações na farmacocinética dos medicamentos, como por exemplo, o comprometimento da função renal, essencial para depuração de fármacos, que são primariamente excretados pelos rins, o comprometimento do fluxo sanguíneo, responsável pelo transporte do fármaco até seu receptor e também da biotransformação hepática, processo responsável pela metabolização dos fármaco⁶. O elevado consumo de medicamentos principalmente em idosos comprometidos à polimedicação, pode vir a causar interações medicamentosas ao se automedicarem. Segundo

Wannmacher⁷, no Brasil, a automedicação, polifarmácia e o desmedido armamentário terapêutico disponibilizado comercialmente é um dos motivos do uso irracional de medicamentos.

Sendo assim, a identificação e a análise da prática da automedicação em idosos faz-se necessário e importante. Nesse sentido, este estudo objetivou avaliar a prevalência de automedicação em idosos participantes da Universidade Aberta à Maturidade, a fim de fornecer subsídios que venham a possibilitar um planejamento do uso racional de medicamentos, assim como realizar campanha de cunho preventivo e/ou curativo, no que diz respeito ao uso de medicamentos.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo transversal, descritiva e observacional e foi realizada na Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), projeto desenvolvido pela UEPB, no município de Campina Grande- PB, no período de junho à agosto de 2015.

A coleta de dados foi obtida através de um questionário “Perfil da automedicação dos estudantes da UAMA”, onde continham 13 questões de múltipla escolha, e 2 questões descritivas para comentários. O único critério de inclusão foi ser frequentador do curso e está de acordo em participar da pesquisa. Para isso, os entrevistados assinaram um termo de compromisso livre e esclarecido, permitindo a divulgação dos dados e preservando sua identidade. Também foi-lhes facultada a possibilidade de desistir da participação da pesquisa a qualquer momento. O questionário abordou o conceito de automedicação, prática, frequência, classes farmacêuticas mais utilizadas, motivo da prática e armazenamento. Os dados foram contabilizados em frequência simples e avaliados em frequência percentual.

Resultados e discussão

Foram entrevistados 31 pessoas, sendo 29 pertencentes ao sexo feminino e 2 pertencentes ao sexo masculino, com idade acima de 60 anos e sem distinção de sexo e etnia. Sobre o termo automedicação, foi verificado que 87% dos entrevistados afirmaram conhecer o

significado da palavra e 13% declararam-se desconhecedores do mesmo. Após esclarecimento do termo, todos os participantes afirmaram saber da existência de riscos com a prática de se automedicar. Ainda assim, 65% confirmaram realizar aquisição de medicamentos sem prescrição e apenas 35% alegaram nunca ter adquirido medicamentos sem receituário.

Quando indagados sobre a seleção do manejo adotado (Figura 1), observou-se que 23% dos entrevistados, que adquiriram medicamentos sem receita, relataram ser por auto decisão e 48% receberam orientação de amigos, vizinhos ou familiares, dados que corroboram com o que foi descrito por Galhardo e Assunção⁸.

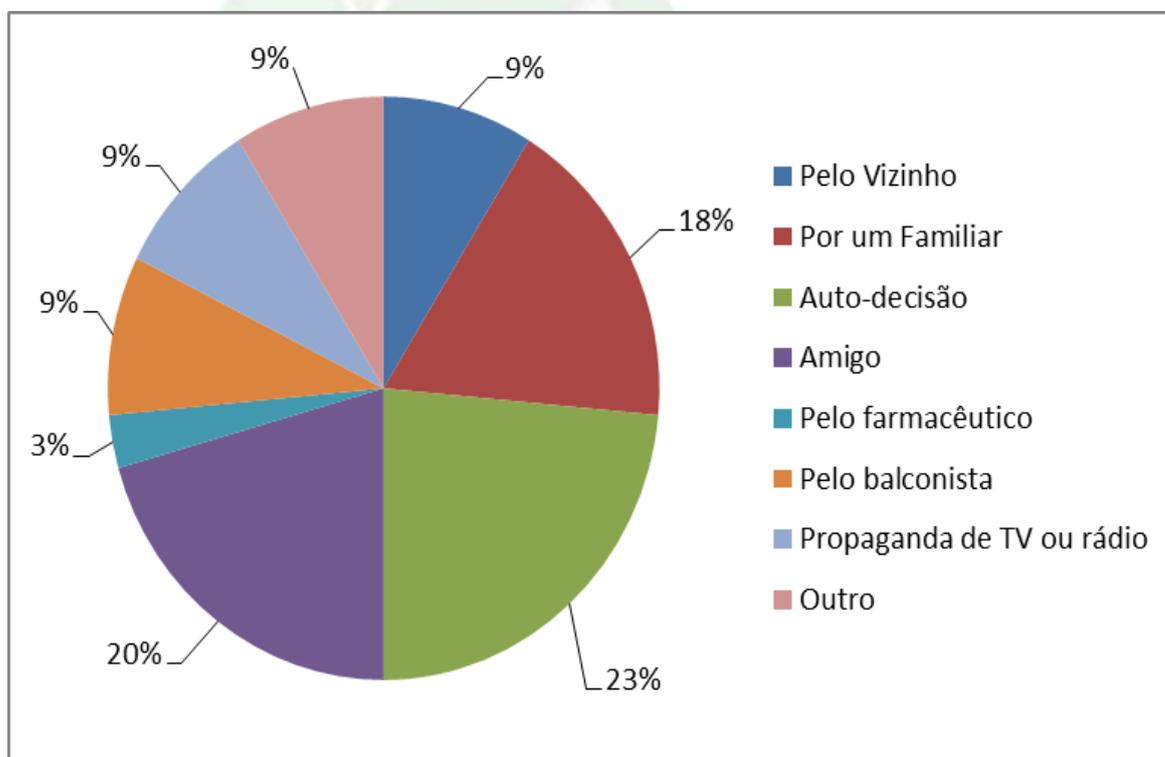


Figura 01 – Como o idoso tomou conhecimento sobre o uso desse medicamento

Fonte: Dados da pesquisa.

A propaganda em meios de comunicação assume papel importante como influenciadora quando o tema é automedicação⁹, quando questionados sobre a influência na escolha do uso de medicamentos 9% relataram utilizá-la como fonte para essa prática.

O balconista continua a ser um grande aconselhador para o uso do medicamento (9%), superando o trabalho de aconselhamento do farmacêutico (3%), profissional de nível superior que deveria se sobressair nessa função. A Lei Federal 13.021/14 parece não está sendo cumprida, pois esse profissional tem em suas atribuições estabelecer o perfil farmacoterapêutico dos pacientes e prestar orientação farmacêutica aos mesmos¹⁰. Pelo pequeno percentual de pacientes que relataram contato com o farmacêutico, pode-se concluir que se esta atividade existe ela ainda está sendo realizada de maneira muito tímida.

Entre aqueles que fazem uso de medicamentos sem receita médica, as classes terapêuticas mais citadas foram os analgésicos e os antipiréticos (43%), seguidos de anti-inflamatórios (29%) e antigripais (6%), resultados que se assemelham aos apresentados em estudo realizado no Rio Grande do Sul⁵. Os sintomas mais citados (Figura 2) que levaram idosos da pesquisa a utilizar medicamentos por conta própria, foram: dor de cabeça e febre (37%), dores na coluna (7%) e resfriado (20%), sintomas também frequentemente relatados em estudo feito em Minas Gerais por Galhardo e Assunção⁸.

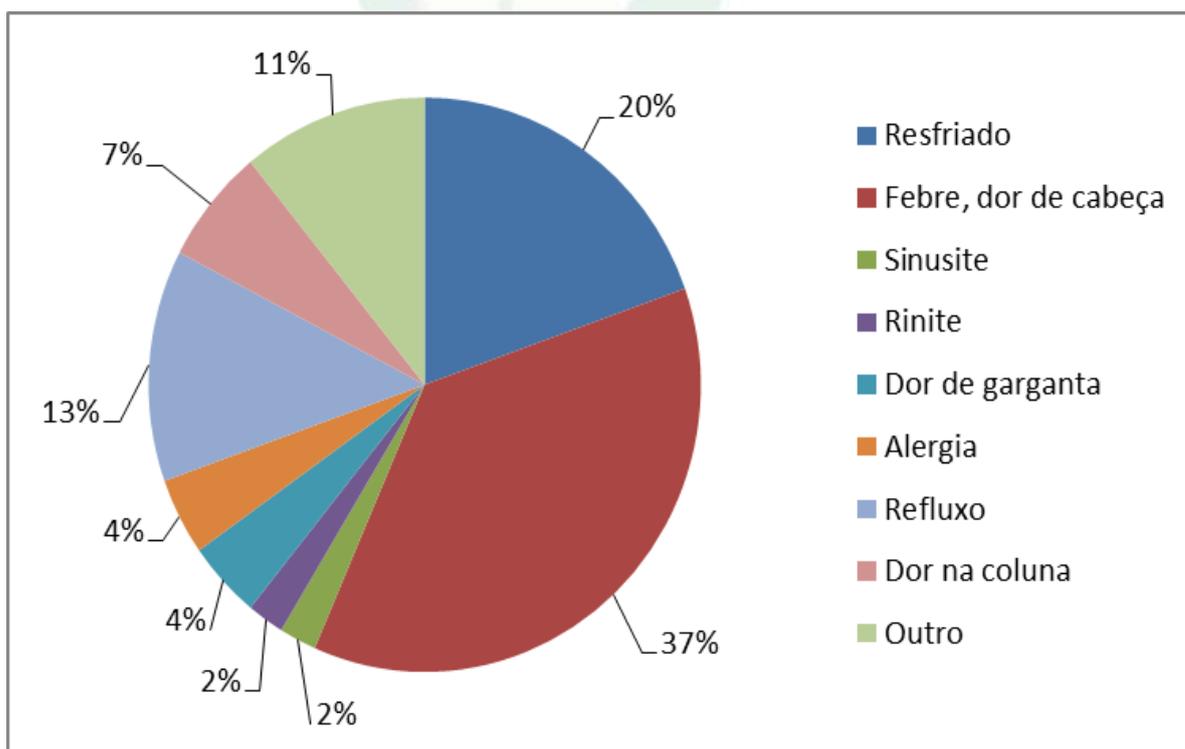


Figura 02 – Sintomas que levaram os idosos a praticarem a automedicação.

Fonte: Dados da pesquisa.

As consequências da automedicação são bastante distintas. Para alguns entrevistados, como o indivíduo 25, a prática trouxe resultados negativos imediatos devido à administração, com o surgimento de reações adversas: “ (...) *comprei um anti-inflamatório, minha pressão aumentou muito, fui parar no hospital (...)*” lembrou o mesmo.

No entanto, a maioria dos entrevistados relatou ter observado resultados positivos quanto no autocuidado de transtornos menores, como resfriados e dores: “(...) *quando a dor de cabeça vem é a primeira coisa que penso e até hoje não me fez mal (...)*” descreveu o indivíduo 8.

Os idosos participantes descreveram principalmente a falta de marcação de consultas, praticidade e reconhecimento do transtorno como um problema simples, tornando-se motivo para automedicação. Apesar de serem observados alguns efeitos benéficos, essa prática pode mascarar um transtorno de saúde mais grave, atrasando o diagnóstico¹¹.

CONCLUSÃO

Apesar dos idosos serem conscientes da existência de riscos com a prática de automedicação, a pesquisa demonstrou que a maior parte ainda faz uso de medicamento por conta própria, principalmente em caso de males menores. Como visto, a automedicação de forma consciente pode trazer benefícios por não congestionar as unidades de saúde e até mesmo em casos onde o acesso a uma consulta é restrito pode evitar que um paciente venha a piorar por falta de assistência. Porém por se tratar de um grupo de idosos a automedicação torna-se uma prática ainda mais arriscada, sendo necessário um maior planejamento diante das necessidades relatadas pelos participantes para promover um melhor uso racional de medicamentos. A atuação do farmacêutico nas drogarias para a orientação dessa prática, poderia contribuir para essa finalidade.

REFERÊNCIAS

- 1- WORLD HEALTH ORGANIZATION. General Policy Issues, WHO Drug Information. 2000; 14: 1- 2.

- 2- WORLD SELF-MEDICATION INDUSTRY: What is Self-medication? <http://www.wsmi.org/about-self-care-and-self-medication/what-is-self-medication/> [acesso em 2015 Agosto 11].
- 3- Loyola FAI, Uchoa E, Lima CMF. Estudo epidemiológico de base populacional sobre uso de medicamentos entre idosos na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. Caderno Saúde Pública. 2006; 22:2657-67.
- 4- Silva LD, Santos MM. Interações medicamentosas em unidade de terapia intensiva: Uma revisão que fundamenta o cuidado do enfermeiro. Revista de enfermagem UERJ. 2011;19:134-9.
- 5- Cascaes EA, Falchetti ML, Galato D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. ACM Arq Catarin Med 2008; 37:63-9.
- 6- Flores VB, Benvegnú AL. Perfil de utilização de medicamentos em idosos da zona urbana de Santa Rosa, RS. Cad Saúde Pública. 2008; 24:1439-46.
- 7- Wannmacher L. Condutas Baseadas em Evidências sobre Medicamentos Utilizados em Atenção Primária à Saúde. Uso racional de medicamentos: temas selecionados / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Brasília. 2012; 1: 9-14
- 8- Galhardo VAC, Assunção TP. Automedicação em idosos que frequentam um centro de convivência para o idoso. Revista Geriatria & Gerontologia. 2013; 108-112.
- 9- Filho PCPT, Almeida AGP, Pinheiro LP. Automedicação em idosos: um problema de saúde pública. Revista enfermagem. UERJ, Rio de Janeiro, 2013 abril/junho; 21(2):197-201.
- 10- Brasil. Código civil: lei nº 13.021, de 8 de agosto de 2014. Dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas. Diário oficial da união [República federativa do Brasil], Brasília - DF, segunda-feira, 11 de agosto de 2014.
- 11- Corrêa TS, Galato D, Alano GM. Condutas relacionadas à automedicação de adultos: um estudo qualitativo baseado na técnica de grupo focal. Revista Brasileira de farmácia. 2012; 93(3): 315-320, 2012.